



---

*Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -*  
Associada ao programa de mestrado Profletras-UPE-Garanhuns -  
aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS  
ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

---

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

---

## **ENSINO DE LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Douglas Pereira Leite (UPE – Garanhuns)**

### **RESUMO**

A razão deste artigo é discutir como os escritores de livros didáticos fazem a abordagem da Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e como essa matriz africana está sendo tratada nos livros didáticos. Para isso procuramos mostrar um panorama da questão africana na literatura e também como os livros desenvolvem a temática da Literatura africana na Escola e como é possível, através de trabalhos com alguns gêneros literários, reparar, em parte, décadas de injustiças promovidas por ideologias disseminadas pelos livros didáticos que, quando não silenciavam, traziam em seu cerne a realidade afro-descendentes a partir do ponto de vista da classe dominante. Disso, concluímos quão importante será debater em sala de aula esse assunto. Para isso, apresentar aos estudantes do ensino básico a literatura afro-brasileira poderá promover uma maior compreensão desse assunto, diminuir o preconceito inter-racial, construir uma identidade nacional mais sólida e, finalmente, reduzir o fosso social existente no nosso país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Africana, Livros didáticos e inclusão social

### **ABSTRACT**

The reason of this article is to discuss how the writers of textbooks make the approach to the Law 10.639, of January 9, 2003, which makes mandatory the teaching of history and Afro-Brazilian Culture and how this African origin has been treated in textbooks. For this we try to show a panorama of the African literature question in the literature as well as the books develop the theme of African literature at school and how you can, through work with some literary genres repair, in part, decades of injustice provided by ideologies disseminated by textbooks that, if not silenced brought inside the African descent reality from the point of view of the dominant class. From this, we conclude how important it will be to discuss in class about this subject. For this, introduce students of basic education for Afro-Brazilian literature can promote a greater understanding of this

subject, reduce inter-racial prejudice, build a stronger national identity and finally, reduce the social gap in our country.

**KEYWORDS: African literature, textbooks, social inclusion.**

## **1 - INTRODUÇÃO**

Historicamente, o negro no Brasil sempre foi visto como humanos inferiores, cheios de costumes diferentes que incomodavam os brancos nas escolas brasileiras de todo o país.

Essa etnia sempre foi usada como objeto e vivia em senzalas sem a mínima dignidade para se habitar, e a única ação que fazia era aumentar a riqueza dos senhores de escravos.

Objetivava-se destituir desses seres humanos “diferentes”, que possuíam situações e culturas diferentes, a dignidade e a humanidade, porque não eram dignos de educação. A consequência disso tudo foi uma herança que não dignifica nada a nossa sociedade atual. Há um esquecimento que o negro na África possui o seu valor, sua própria organização social, suas línguas, suas religiões, rituais, danças e outras diversas crenças e tudo isso lhe fora extraído, ou pelo menos houve uma tentativa de extrair todas as crenças advindas do negro. O negro foi puxado da sua terra, para ser espoliado e explorado em terras brasileiras. Segundo Kelly Cristina Araújo:

Não acharam um lugar vazio ou povoado de homens bárbaros... na África encontraram povos com ricas e variadas culturas. Muitos eram os estilos de arquitetura utilizada na construção de suas casas e templos da cerâmica em que guardavam seus alimentos ou davam forma a seus deuses, da pintura e da escultura, entre tantos outros elementos. Havia homens e mulheres ocupados com as mais diversas atividades. Lá viviam alfaiates, pescadores, ceramistas, músicos, contadores de histórias, apenas para citar alguns dos seus ofícios. (2003, p. 10).

Os mais de 300 anos de escravidão em que o negro foi pressionado a enfrentar em terras brasileiras continuam até nossos dias e deixaram profundas marcas e rupturas no inconsciente do brasileiro, tratando essa etnia como classe inferior. Pode-se ver que na maioria das pesquisas realizadas no Brasil, a etnia negra ocupa lugares mais baixos na camada social, como retratou bem Gorender, em seu livro *o Brasil em preto & branco* (2000):

Não há dúvida que o quadro da desigualdade socioeconômica atual reproduz, em termos ampliados e contemporâneos, a desigualdade característica da sociedade capitalista herdou, por assim dizer, o DNA da escravidão e não logrou se desvencilhar dessa herança. Os negros deixaram de ser escravos, porém assumiram, em grande parte, a condição de pobres e de

indigentes. A eles se juntou uma parcela da população branca para compor a base da nossa pirâmide social. (p.88).

Mesmo após a escravidão, com a dita abolição dos escravos, os negros nunca foram libertos, muito pelo contrário, ficaram expostos a uma sociedade branca massacrante com os ideais da etnia negra. Contudo, é importante salientar sempre que mesmo diante do processo de escravização e de inúmeras agressões e humilhações, o negro constantemente lutou pela liberdade e dignidade. A etnia negra nunca deixou de tentar a conquista de sua liberdade. Nunca existiu passividade do negro diante de sua situação deplorável diante da sociedade. Na África ou em qualquer outro ambiente essa etnia sempre enfrentou e resistiu os maus tratos que sofria da sociedade branca.

No Brasil, esta resistência trouxe, entre outras conquistas, a Lei 10.639, que assegura o ensino de história e da cultura negra nas escolas do Brasil como uma tentativa de transformar a realidade sofrida do negro em terras brasileiras: Acredita-se que com o ensino da História, das Literaturas Africanas e da sua cultura nas séries regulares, poderá se valorizar a produção Africana em todas as áreas do conhecimento e não apenas nas áreas da música, futebol e carnaval como é visto, e que a mídia de forma implícita fortalece muito esse estereótipo.

O ensino das Literaturas Africanas nas escolas como contempla a lei 10639/03, valorizará o negro brasileiro e sua diversidade cultural, mostrando através dos contos e poemas Africanos a luta de resistência destes países, e apresentar uma nova ficção que não precisamente estará atrelada somente a essa luta contra a escravidão. A lei 10639/03 nos permitirá um novo horizonte, uma literatura diferente e ao mesmo tempo similar com a nossa. O processo de descoberta através dos contos e poemas Africanos nos levará a esse mundo novo, haja vista que a literatura é imaginação e como disse Antônio Cândido, a literatura é o próprio homem.

Com certeza é forte, na literatura negra a tentativa da liberdade, a não conformidade com a vida que levavam, a luta pela liberdade, tudo isso levando a dignidade da pessoa negra, como nos mostra Ramos:

Conhecer a história de um povo que, quando escravizado e transplantado de sua terra, de sua comunidade e de sua sociedade para o Brasil, trouxe toda a sua história de vida na alma, porque não lhe foi permitido carregar nenhum pertence. Ou talvez um único... a sua autoestima. Quem sabe reporte para tantas tentativas de silêncio e inspiração e motivo para tanta resistência. (2001, p. 177).

A aplicação dessa lei 10639/03 nas escolas regulares traz a tona a real necessidade de se fazer uma nova abordagem do ensino das Literaturas e culturas Africanas, e poderá dar-se na escola, nova significação ou ressignificação à História Africana, que até então tem sido desconhecida, ignorada, desvalorizada ou tratada, a partir de uma ótica, isto é, a ótica dos dominadores.

O intuito dessa abordagem das Literaturas Africanas no Ensino Fundamental é mediar um conhecimento literário com uma visão diferente, inserir

uma nova visão, diferenciada da ótica do colonizador. O negro brasileiro conhece a história da África de seus antepassados por uma única perspectiva é a pior possível, e desta forma não temos como cultivar identidades negras no Brasil. Segundo Stuart Hall ( 2006 ) acerca da construção de identidade, “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação as formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 2006, p.12).

Hall explicita que a identidade é construída através da história e da cultura. De acordo com o conhecimento do que os nossos antepassados fizeram, que nós teremos o reconhecimento ou não. Nisso, vemos o grande projeto de ensinar Literaturas Africanas na Educação Básica. O negro no Brasil possui ainda uma representação rasteira, só tendo “respeito”, não sei se podemos chamar assim, quando se é estipulada uma lei, ou seja, a situação tem que ser obrigada.

### **1- O projeto com as Literaturas afro – brasileiras e africanas**

Com o ensino das Literaturas Africanas nas escolas, acreditamos que é possível transformar essa realidade. Com o conhecimento da Literatura Africanas, por exemplo, mostraremos uma história de luta do negro e outras histórias na própria perspectiva do negro. É uma oportunidade de mostrar que o negro é capaz de escrever a sua própria história. O professor deve ter cuidado para não transformar o projeto Literário Africano em um projeto de piedade dos negros, os alunos não podem adentrar apenas a essa literatura, uma análise interessante foi feita pela escritora Ninfa Parreiras( 2009):

Será que a proposta ajudaria a diminuir o preconceito existente desde a sala de aula, ou sairia pela culatra e aumentaria ainda mais a segregação aos destacar a história do povo negro de outros temas curriculares? Há debates a favor e contra essa decisão, com receio de que haja mais preconceitos ao se valorizar a história da África e do povo africano e, por conseguinte, a produção literária de temática africana. (PARREIRAS, 2009, p. 112).

Creemos numa ideia que o trabalho com africanidade através dos contos e poemas africanos em sala de aula, não será um tiro pela culatra segundo uma das opções elencada por Parreira, e sim acreditamos que será uma oportunidade que a literatura dará aos alunos brancos e negros da escola pública de adentrarem em histórias contadas por escritores africanos.

Nitidamente, a proposta da Lei Federal 10.639/03 ampliou a edição dos livros infantis e juvenis com a temática africana, contudo muitos livros com o gênero conto traz uma África com uma unidade cultural, com conhecimentos rasos, e muitas vezes, preconceituosos, nesse aspecto mencionado, voltemos a uma questão que Parreiras nos elencou acima, o preconceito com a África, dependendo da abordagem desses escritores com a literatura poderá aumentar ainda mais esse afastamento da África da escola. Parreiras, ainda a respeito menciona:

Na África não há apenas uma religião, bem podemos afirmar que os orixás são deuses africanos ou que cultos nagôs ou iorubanos, dos quais sofremos influências, são os principais do Continente Africano. Muitos autores tratam as línguas africanas que vieram para o nosso país como dialetos havia de fato, dialetos lá, (a exemplo da nagô quimbundo, umbanda, mandinga).((PARREIRAS, 2009,p.111)

É mostrado que a África é diversa, e algumas vezes os contos africanos ou afro-brasileiros trazem um estereótipo africano que já está arraigado na maioria das pessoas.

Criamos uma expectativa com o projeto das Literaturas Africanas na sala de aula, porque vislumbramos uma oportunidade de mostrar histórias, personagens e enredos diversos.

Uma outra análise para introduzirmos o projeto das Literatura Africanas é que o texto literário goza de todas as propriedades que distinguem as produções artísticas. Em sentido mais amplo, desde a sua notoriedade sabe - se da importância que a literatura exerce nas sociedades, pois ela age como elemento de ampliação da consciência de mundo de seus variados leitores, então, Coelho(1991) afirma:

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma determinada experiência humana; e dificilmente poderá ser definida com exatidão. [...] Conhecer a literatura que cada época destinou às crianças é conhecer os Ideais e Valores ou Desvalores sobre as quais cada sociedade se fundamentou. (e fundamenta) (1991, p.24) (Grifos da autora).

O discurso literário põe em evidência experiências humanas imbuídas de valores sociais, históricos, culturais e ideológicos da sociedade em que é produzido.

O professor deve ter o texto literário como protagonista no ato de interação, a literatura não pode ficar em segundo plano em relação ao contexto de produção do texto Há uma importância do contexto, contudo o texto literário em sala de aula deve ser trabalhado em sua essência. Quando abordamos os textos africanos, há uma tendência muito marcante de envolver o contexto de sofrimento, escravidão, submissão nos textos, entretanto, se o trabalho tomar essa vertente, o texto literário africano será mero coadjuvante na mediação entre Literaturas Africanas e Ensino Fundamental.

As Literaturas Africanas na escola tem por intuito fornecer uma nova literatura aos estudantes, assim como, quebrar preconceitos advindos da própria literatura brasileira, no livro *Raça & Cor na Literatura Brasileira* de David Brookshaw( 1986 ), há uma análise bastante pertinente acerca de estereótipo e preconceito racial, assim ele afirma, tendo como base Jorge Amado:

Ao recorrer continuamente a estereótipos raciais, Amado revela um preconceito que o lado mais atraente de seu nativismo pode fazer passar despercebido aos leitores. A respeito do negro em si, os aspectos Beleza

e Besta da relação entre Lindinalva e Balduino já foram mencionadas. Em Gabriela, cravo e canela, é o negro Fagundes, o armeiro quem continua este estereótipo. Suas ações são más, seu espírito, porém, é inocente e seu instinto é obedecer e proteger a retirante Gabriela: “Punha em Gabriela uns olhos pesados e humildes, obedecia-lhe pressurosamente quando ela lhe pedia que fosse encher uma lata de água”.

Analisemos aqui, de uma forma até maleável o negro como vítima de preconceito nas obras brasileiras, isto é, na visão do branco brasileiro escritor, haja vista que Amado era voltado para crenças, costumes que os africanos comungam, mas a sociedade faz com que o escritor tenha uma escrita voltada para o aspecto do dominador.

Então, estudar as Literaturas Africanas é deixar de ver como personagens, apenas homens e mulheres de pele branca e de olhos claros, e passar a ver negros sendo protagonistas de suas próprias histórias. Uma das vertentes de se criar uma identidade cultural é a valorização da cultura de um grupo, país ou nação.

Acreditamos que através do ensino das Literaturas Africanas, teremos uma tentativa muito válida da valorização do negro brasileiro, no que diz respeito à cultura, a sua gente e a sua literatura, e será proposta uma voz a seus escritos que por muito tempo ficaram silenciados.

A escola brasileira ainda não acordou para a literatura em geral, muito menos para as Literaturas Africanas, e muito menos ainda para as Literaturas Africanas no Ensino Fundamental, fase esta que a possibilidade do aluno se envolver com os escritores literários poderá ser maior, e servir de preparação para os estudos de Literatura do Ensino Médio.

O ensino das Literaturas Africanas nas escolas dará a oportunidade à sociedade estudantil brasileira, a terem um conhecimento não só da luta de resistência do povo negro, mas também de escritos realizados de várias situações envolvendo um escritor africano e personagens africanos.

## **2- Sequência didática desenvolvida com a turma do nono ano da Escola Estelita Timóteo em Toritama - Pernambuco**

Em um primeiro momento, foi dito aos alunos nos primeiros dias de aula do 9º ano do Ensino Fundamental que iríamos trabalhar Literatura. Os alunos fizeram aquela cara de que já ouviram a palavra Literatura, mas não sabiam do que se tratava ao certo. Então começamos a explicar um pouco de forma descontraída o que seria essa tal da Literatura.

Posterior essa explicação, iniciamos o comentário que a Literatura que desenvolveríamos neste momento seria a Literatura vinda da África. Com isso, trabalharíamos gêneros textuais como contos e poemas africanos.

Os alunos começaram a fazer perguntas do tipo: “E na África, eles sabem ler”? “Eles falam português na África”? “Na África, eles não passam fome”?

Perguntas como essas suscitaram ideias para que começássemos a desenvolver a sequência didática para abordagem das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no 9º ano do Ensino Fundamental.

A sequência didática que foi proposta nesse período teve o seguinte desenvolvimento:

1. Sondagem sobre a África diante da turma do 9º ano do Ensino Fundamental;
2. Discussão da sondagem realizada na sala do 9º ano do Ensino Fundamental;
3. Apresentação do Poema “Grito Negro” de José Craveirinha anotado no quadro branco.
4. Declamação do poema por parte do professor e apresentação de um vídeo com a declamação do poema;
5. Início da análise do poema;
6. Compreensão do poema mais direcionado;
7. Perguntas dirigidas pelo docente acerca do poema;
8. Participação do aluno atribuindo possíveis respostas às perguntas dirigidas;
9. Exercício escrito tendo como base o poema de José Craveirinha;
10. Correção coletiva das respostas dos exercícios por parte dos alunos;

Essas foram às etapas sintetizadas da sequência didática que foi desenvolvida com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Estelita Timóteo do Município de Toritama em Pernambuco.

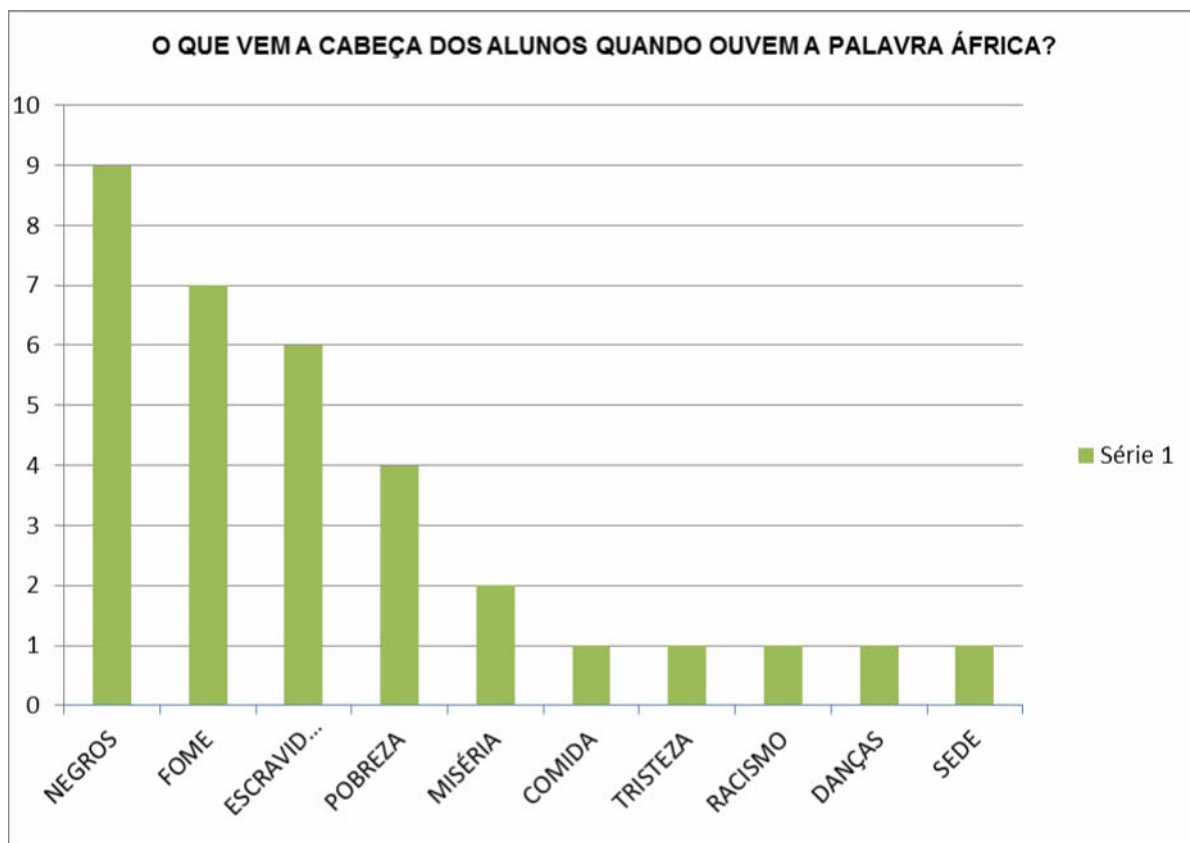
Veremos abaixo o desenvolvimento das etapas da sequência didática descrita acima:

#### 1- Sondagem da África

Nessa etapa, o professor fez uma pergunta muito simples: O que vem a cabeça de vocês, quando ouvem a palavra **ÁFRICA**?

Posterior à pergunta foi dado um tempo para os alunos escreverem em uma folha do caderno o que eles pensavam quando escutavam a palavra **ÁFRICA**.

Concluído o tempo, os alunos começaram a ler um a um o que eles haviam escrito sobre a África. No momento, 33 alunos do 9º ano participaram da atividade, com isso, obtivemos o seguinte resultado; conforme gráfico abaixo:



Analizamos as primeiras palavras de cada aluno, e nessa etapa da pesquisa, notamos que houve uma pesquisa de caráter qualitativo, contudo quantificamos as abordagens feitas pelos alunos para termos uma noção da África através dessas primeiras palavras, então a nossa pesquisa foi para um caráter quali/ quanti com intuito de uma pesquisa/ação, que é uma das formas de pesquisas muito utilizadas hoje, e que na educação cabe de forma coerente para analisarmos alguns dados.

Quanto ao gráfico, notamos que a palavra “NEGROS” predominou na primeira opção do aluno quando escutou a palavra “ÁFRICA”. Quando indagamos o porquê ter colocado a palavra “NEGROS” como primeira opção, os alunos em um só coro, responderam:

“Ah Professor”! E lá só tem “nego” né”! “Pessoas que sofrem preconceito”. Analisamos que o conceito de “negros” por parte desses alunos possui um tom de apenas preconceito, situação ruim, como a etnia negra não tivesse a possibilidade de vencer na vida. Isso foi diagnosticado nessa primeira etapa da sequência. Os leitores desse trabalho, além do gráfico dessa seção, poderão comprovar essa análise nos anexos desse trabalho em foco.

A palavra “FOME” foi à segunda colocada nessa pesquisa, em seguida a palavra “ESCRAVIDÃO”, posteriormente a palavra “POBREZA”, depois a palavra “MISÉRIA”, finalizando com uma abordagem apenas as palavras COMIDA, TRISTEZA, RACISMO, DANÇAS E SEDE. Notamos que apenas, dois alunos pensaram em algo fora do campo semântico da negação, os estudantes



que nas palavras DANÇA e COMIDA, conseguiram realizar uma análise diferenciada dos outros integrantes da turma.

2- Etapa – discussão da sondagem realizada na sala de aula

Tendo como base 10 aulas para realizar essa sequência didática, essa segunda etapa aconteceu posteriormente à etapa do gráfico. O professor comentou as primeiras palavras elencadas pelos alunos, promoveram debates, discussões através de provocações realizadas na própria sala de aula.

O grande objetivo dessa etapa foi desmistificada ainda de forma inicial o tom pejorativo, negativo e preconceituoso que os alunos têm acerca da ÁFRICA.

Depois de uma análise dos gráficos e a promoção de uma discussão sobre a atividade das palavras, sobre a ÁFRICA, o professor anotou no quadro o poema “Carvão” de José Craveirinha e traçou uma discussão geral, mais ampla e sem direcionamento tão rígido em um primeiro momento.

Perguntas do tipo: “O que vocês têm a dizer sobre esse poema”? Então, os alunos começaram a participar, uns com certa ideia, fazendo relação com a primeira etapa da sequência, outros levando a coisa mais em tom de brincadeira. Posterior a essa parte, o professor direcionou mais os questionamentos sobre o poema, até para que a discussão literária ficasse mais coerente com a temática, para que os alunos, não fugissem muito do objetivo da aula.

Com questionamentos mais direcionados, perguntas como: O que seria esse carvão do Poema? O carvão do poema permanece o mesmo durante todo o poema? Qual temática evidente no poema? Há uma linguagem mais denotativa ou conotativa? Que elementos da África podemos presenciar no decorrer do poema?

Nessa etapa, após as perguntas realizadas pelo docente, houve uma declamação do poema e uma exibição de um vídeo com a declamação com outra voz do mesmo poema.

Quando concluída essa etapa da análise oral, declamação e apresentação do vídeo, o professor elaborou algumas questões escritas para que os alunos pudessem responder e que a discussão desse poema ficasse bem sólida.

Após o tempo determinado para a resolução das questões escritas, foi realizada uma correção coletiva do exercício.

Após a correção do exercício, percebemos que os alunos já haviam mudado um pouco o conceito da África, mesmo que teoricamente o poema fosse para o lado da luta do negro para a libertação, os discentes até chegaram a uma resposta bem gratificante para o professor ao final da sequência. A resposta de alguns alunos:

“Até que os africanos escrevem bonito”.

“O poema é muito emocional”.

Com essas respostas dadas pelos alunos, percebemos que eles não acreditavam que a África possuía escritores bons, textos bons e acima de tudo uma boa literatura.

Essa sequência teve desenvolvimento na turma do 9º ano B do Ensino Fundamental da Escola Estelita Timóteo do município de Toritama do Estado de Pernambuco, e o propósito geral objetivou a inserção de uma forma cuidadosa das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa na sala de aula do 9º ano B, haja vista, que a sequência foi apenas o início do trabalho com as Literaturas Africanas em Língua Portuguesa, e esse início teve como base o poema do escritor Africano

José Craveirinha, que foi um dos ícones dessa literatura. As sequências didáticas continuarão com a abordagem das Literaturas Africanas, tendo como base poemas e contos dessas Literaturas.

### **3 - CONCLUSÃO**

Por fim, percebemos que falta, ainda, aos livros didáticos um elo com as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. É notório que há uma necessidade urgente dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental adequar em seus conteúdos as Literaturas Africanas e Afro – brasileiras, assim como uma atualização no currículo para a inserção dessas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental.

### **REFERÊNCIAS**

- BORGATTO, Ana T. BERTIN, Terezinha. MARCHEZI, Vera. **Projeto Teláris. 9º ano**, 1ª edição. São Paulo Ática, 2014.
- BRASIL, LEI nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 de 20 de setembro de 1996**. Diário oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003
- BROOKSHAW, David; **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1983.
- CANDIDO, Antônio “**A Literatura e a formação do homem**”. In DANTAS, Vinícius (Org). Textos de intervenção. São Paulo: Duas cidades/Ed. 34, 2002, p.77-82.
- CANDIDO, Antônio. “**O direito à literatura**”. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas cidades, 1995
- COUTO, Mia. **Vozes Anoitecidas. Moçambique**: 1986.
- COSTA, Maria Suely da. “**Literatura afro – brasileira e negritude: uma experiência de leitura**”. In Lima, Tânia; NASCIMENTO, Izabel; OLIVEIRA, Andrey (Orgs). **Griots – culturas africanas: linguagem, memória, imaginário**. Natal: Lucgraf, 2009.
- CRAVEIRINHA, José. **Karingana ua Karingana**. 2ª ed. Lisboa: Edições 70, 1982.
- CUNHA, Maria Zilda da. **Na tessitura dos signos contemporâneos: novos olhares para a literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Humanitas; Paulinas, 2009.
- SOUZA, Florentina;LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura afro – brasileira**. Salvador: Centro de estudos Afro – Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998
- ZILBERMAN, Regina. “**O papel da literatura na escola**”. In. Via Atlântica. Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. José Nicolau Gregorin Filho e Maria Zilda da Cunha (Org.). FFLCH-USP: São Paulo, n.14, 2008, p. 11-22.